

Línguas em uso: o perfil linguístico de um sujeito bilíngue/multilíngue**Languages in use: the linguistic profile of a bilingual / multilingual subject**

DOI:10.34117/bjdv6n8-670

Recebimento dos originais:08/07/2020

Aceitação para publicação:31/08/2020

Rosângela Medeiros da Luz

Instituto Federal de educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - IFG, Goiás, Brasil.

E-mail: romeluz@yahoo.com

Suelene Vaz da Silva

Instituto Federal de educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - IFG, Goiás, Brasil.

E-mail: suelene.silva@ifg.edu.br

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar o perfil linguístico de um sujeito bilíngue falante de quatro línguas (L1 - alemão L2 - inglês, L3 - francês e L4 - português) a partir de teorias sobre bilinguismo (BAKER, 2006; BUTLER; HAKUTA, 2006; GROJEAN, 2010; MELLO, 2010; GARCÍA, 2009) e, a partir desse perfil, compreender as relações de uso das quatro línguas com o sujeito bilíngue. Este estudo de caso analisou os dados gerados de relato da experiência de aprendizagem de línguas do participante, um questionário semiaberto, entrevista semiestruturada e notas de campo da pesquisadora. As análises focaram no processo de aprendizagem das línguas, na categorização de bilinguismo sob os aspectos de idade, permanência no local onde essas línguas são usadas, modos de aprendizagem das línguas em questão, contextos sociais de uso para cada uma das línguas e percepção sobre o nível de proficiência nas línguas, declarado pelo próprio participante. Como resultado, este estudo aponta que para o participante o contexto formal de ensino parece ser mais significativo no processo de aprendizagem de línguas do que interações em ambientes não formais, embora esses espaços de aprendizagem mostraram-se mais relevantes na construção da relação da afetividade entre a línguas e o sujeito bilíngue. A L1 e a L4 são as línguas usadas de forma mais ampla nos contextos de interação sociais. O perfil bilíngue do participante é híbrido, perpassando por todas essas línguas, entretanto as características primordiais desse perfil ancoram-se na sua L1.

Palavras-Chave: Bilinguismo, Perfil, Sujeito bilíngue.**ABSTRACT**

The objective of this article is to analyze the linguistic profile of a bilingual speaker who speaks four languages (L1 - German, L2 - English, L3 - French and L4 - Portuguese) based on theories on bilingualism (BAKER, 2006; BUTLER; HAKUTA, 2006; GROJEAN, 2010; MELLO, 2010; GARCÍA, 2009) and, based on this profile, understand the relations of use of the four languages with the bilingual speaker. This case study analyzed data generated from a report of the participant's language learning experience, a semi-open questionnaire, semi-structured interview, and field notes from the researcher. The analyzes focused on the language learning process, the categorization of bilingualism under the aspects of age, permanence in the place where these languages are used, ways of learning the four languages, social contexts of use for each language and perception of the level of language proficiency, declared by the participant himself. As a result, this study points out that for the participant the formal teaching context seems to be more significant in the language learning process than interactions in non-formal environments, although these learning spaces

proved to be more relevant in building a relationship of affectivity between languages and the bilingual subject. L1 and L4 are the most widely used languages in social interaction contexts. The participant's bilingual profile is hybrid, spanning all these languages, however the primary characteristics of this profile are anchored in his L1.

Keywords: bilingualism, Profile, Bilingual speaker.

1 INTRODUÇÃO

Vivenciamos uma internacionalização sem precedentes, fomentada por um crescente número de indústrias e comércio transnacionais, pela mudança acelerada nos meios de comunicação, especialmente o digital, que facilita e reduz as barreiras de tempo e espaço. Nesse contexto, é inegável o papel das linguagens, especialmente das línguas, pois é principalmente por meio delas que os indivíduos se tornam sujeitos no mundo, com ações, desejos e sonhos. Contudo, saber somente uma língua na era digital, líquida e fluida, já não garante aos sujeitos ferramentas suficientes para agir no complexo mundo que os cerca, especialmente se levarmos em consideração o fluxo contínuo de pessoas entre regiões, onde fronteiras geográficas não mais separam povos, línguas e culturas.

Estamos no período da mobilidade real e virtual, o que fortalece as sociedades bilíngues, que sempre estiveram presentes na esfera global, mas foram pouco valorizadas por suas características multilinguísticas. Entre essas comunidades, destacamos o Brasil, visto ainda sob o mito do monolinguísmo, é na verdade um país rico na diversidade linguística, visto que há cerca de 210 idiomas espalhados pelo território nacional (MELLO, 2010; OLIVEIRA, 2003). Além das comunidades indígenas, falantes de mais de uma língua, há outras compostas por imigrantes e seus descendentes, que mesmo com nacionalidade brasileira, mantêm viva as línguas de herança (FLORES; MELO-PFEIFER, 2014).

A essas comunidades bilíngues somam-se ainda, em contexto nacional, os estrangeiros que decidem - migração voluntária -, ou precisam - migração forçada - morar no Brasil temporária ou permanentemente. Para esses estrangeiros, bem como para brasileiros falantes de outras línguas, o português, língua predominante na nação, torna-se uma barreira à integração do sujeito na comunidade, o que lhe dificulta o acesso à escola, ao trabalho, ao lazer, ou seja, a se tornar membro efetivo da sociedade brasileira.

Esses sujeitos veem-se vítimas do mito da homogeneidade linguística brasileira, incorrendo de sofrer, como no passado, o apagamento de suas línguas e culturas, conforme nos mostra Mello (2010, p. 127) ao ressaltar que “no caminho para a homogeneidade cultural básica, a sociedade e a

escola brasileiras, desde os seus primórdios, têm contribuído para o silenciamento dos povos que falam uma língua diferente daquela tomada como a língua nacional, isto é, o português”.

Nessa perspectiva, a aprendizagem do português precisa aliar-se às línguas que o sujeito traz consigo, sem a intenção de substituir ou apagar tais línguas, ao contrário, com o intuito de valorizar o falante bilíngue. A esse respeito, Grosjean (1982) afirma que o bilinguismo está presente em praticamente todos os países do mundo, em todas as classes sociais e faixas etárias. Segundo esse pesquisador, o bilinguismo não é um fenômeno raro, pois mais da metade da população do mundo vive cotidianamente com duas ou mais línguas, até mesmo sociedades consideradas monolíngues, como é o caso do Brasil. Butler e Hakuta (2006, p. 135) acrescentam que “aprender outra língua não é simplesmente acrescentar conhecimento adicional e experiência sociocultural. Cada indivíduo bilíngue irá desenvolver um perfil linguístico, cognitivo e sociocultural único que é distinto do indivíduo monolíngue”.

Sendo assim, pretendemos, a partir de teorias sobre bilinguismo, compreender as relações identitárias, as atitudes e percepções de um falante bilíngue em relação a cada uma das línguas que ele afirma ter conhecimento e a língua portuguesa. Posto isto, com o intuito de detalhar a construção deste estudo, apresentamos, a seguir, a metodologia.

2 O ESTUDO

Este trabalho constitui-se como um estudo qualitativo, especificamente um estudo de caso. Bogdan e Biklen (1994) e Lüdke e André (1986) afirmam que um estudo de caso se caracteriza, principalmente, pela investigação de aspectos singulares do fenômeno investigado, enfocando a interpretação e a representação da realidade de um sujeito sócio historicamente constituído. Assim, analisamos o perfil linguístico de um sujeito bilíngue/multilíngue, residente em Goiânia, identificado pelo pseudônimo FMF, para lhe preservar a identidade.

FMF tem 52 de idade, possui nacionalidade alemã, e mora em Goiânia-Goiás há mais de dois anos, mas já esteve no Brasil outras vezes como turista. Embora tenha concluído o ensino superior, atua como marceneiro. Segundo ele, seu conhecimento da língua portuguesa, iniciou aos 35 anos, quando veio ao Brasil pela primeira vez. FMF possui duas filhas crianças, que também moram em Goiânia com a mãe brasileira, e com as quais interage, segundo o participante, somente em língua alemã, já que elas, além do português, são falantes de alemão.

Os instrumentos de coleta de dados foram o relato da experiência de aprendizagem de línguas do participante, um questionário semifechado (Anexo 1) sobre o histórico linguístico de indivíduos bilíngues, uma entrevista semiestruturada e notas de campo da pesquisadora feitas durante o período de contato de aproximadamente três meses com o participante deste estudo.

3 MAS AFINAL, O QUE É BILINGUISMO?

Os significados do termo bilinguismo divergem em certos aspectos na opinião dos estudiosos da área, já que o termo remete a ‘talento linguístico’, ‘realização linguística’, ‘competência linguística’, ‘desempenho linguístico’, ‘proficiência linguística’ e ‘habilidade linguística’ (BAKER, 2006). Além disso, outro fator complicador é a ambivalência do fenômeno bilinguismo: fenômeno individual, quando o falante sabe outra língua diferente da sua língua materna, e social, quando uma comunidade linguística se utiliza de duas para se comunicar, como ocorre, por exemplo, em regiões de fronteiras.

Butler e Hakuta (2006) apresentam exemplos da multiplicidade de definições possíveis. A primeira, bastante restritiva, é a de Bloomfield (1933), que evidencia a concepção bilíngue do falante ideal, ou seja, de um indivíduo que tem “controle de duas línguas semelhante ao de um nativo” (BLOOMFIELD, 1933, apud BUTLER; HAKUTA, 2006). Essa definição traz duas questões problemáticas; conceito de controle e de falante nativo. Controlar línguas em uso não é algo natural à comunicação e falantes de mais de uma língua não se ‘enquadram no conceito de nativo’, pois tal conceituação pode evidenciar maior ou menor prestígio linguístico entre as línguas, e não exatamente o uso que o falante faz de cada uma delas.

Contrapondo o conceito de Bloomfield (1933), Mcnamara (1966) considera bilíngue qualquer pessoa que seja capaz de desenvolver alguma habilidade em segunda língua, como falar, ler, entender e escrever. Mackey (2000) assume uma postura mais neutra em relação ao uso das línguas relacionando bilinguismo ao uso alternado de duas ou mais línguas por parte de um mesmo indivíduo. Grosjean (1994) contesta as posições defendidas Bloomfield (1933), Macnamara (1966) e Mackey (2000), pois para ele um indivíduo bilíngue não é a junção de dois sujeitos monolíngues, pois os bilíngues utilizam cada uma de suas línguas para diferentes propósitos em contextos distintos ao comunicar-se com interlocutores diferentes. Zimmer, Finger e Scherer (2008) reforçam o fato de que ter proficiência total nas quatro habilidades linguísticas (produção e compreensão oral e escrita) e conhecimento ampla dos aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos, discursivos e fonológicos é um objetivo quase inatingível. Dessa forma, bilíngue ou multilíngue é o sujeito que faz usos de mais de uma língua para se comunicar, mesmo que não tenha alta fluência em um ou outro aspecto linguístico ou extralinguístico dessas línguas.

Mayers-Scotton (2006, p. 44) concorda com Zimmer, Finger e Scherer (2008) e amplia a perspectiva de Mackey (2000) ao afirmar que “bilinguismo é a habilidade de usar duas ou mais línguas de modo suficiente para conseguir manter uma conversa casual limitada”. Para a autora, não se deve atribuir limites específicos à proficiência de fala ou de compreensão deste sujeito bilíngue. Mas isto não significa admitir-se bilíngue alguém que sabe somente algumas palavras na

língua estrangeira, porquanto o indivíduo bilíngue deve ser capaz de manter uma interação verbal na língua estrangeira.

Grosjean (2010, p. 4) concorda com Mayers-Scotton (2006). Para ele, “bilíngues são aqueles que usam duas ou mais línguas (ou dialetos) no seu dia a dia”. O autor advoga pela escolha termo “uso” ao invés de “fluência” como critério de definição sobre bilíngues e explica que definições mais remotas de bilinguismo focam na fluência do sujeito, contudo estudos mais recentes da área enfatizam o uso regular da língua (GROSJEAN, 2010). Outra perspectiva que precisa ser considerada no perfil do falante bilíngue relaciona-se às questões de atitude e de afetividade. Garcia (2009) aponta que fatores afetivos influenciam no grau de maior ou menor uso das línguas, ou seja, na sua atitude diante da utilização de uma ou outra língua nos contextos sociais por onde o sujeito convive.

Baker (2006) cita Valdés e Figueroa (1994) quando sugere critérios para classificação do sujeito bilíngue. Para Valdés e Figueroa (1994) há quatro critérios, a saber: (1) a idade em que o sujeito aprende a(s) outra(s) língua(s) - simultâneo, sequencial ou tardio; (2) a capacidade de produção linguística - incipiente, receptivo ou produtivo; (3) equilíbrio das duas línguas - balanceado ou dominante em uma das línguas; (4) desenvolvimento - ascendente, quando uma segunda língua está em desenvolvimento, ou recessivo, se uma das línguas está retrocedendo.

Baker (2006) ainda acrescenta outro critério: o contexto de aprendizagem das línguas. De acordo com esse critério, o bilinguismo pode ser adquirido ou aprendido, dependendo do grau de formalidade do contexto, por exemplo, se ele ocorreu em casa ou na escola. Outra dimensão considerada é a possibilidade de escolher a língua a ser aprendida (bilinguismo eletivo) ou a necessidade de se aprender uma outra língua (bilinguismo circunstancial). Segundo a autora,

[e]xistem várias rotas para o bilinguismo. Tais rotas incluem: aprender duas línguas no início da vida, da casa, ou a aquisição de uma segunda língua na rua, na comunidade em geral, ou no ensino maternal, fundamental ou médio. Ele pode ocorrer também após a infância, por meio de aprendizagem de uma segunda língua ou língua estrangeira em aulas e cursos de línguas para adultos. (BAKER, 2006, p. 86)

Para Grosjean (2010), muitos fatores, além dos dados biográficos, devem ser considerados para que se possa compreender o complexo universo do sujeito bilíngue. Ele sugere que é importante saber quais línguas estes falantes sabem e quais eles usam, além disso, saber qual a relação entre as línguas que este falante utiliza. O autor coloca que outros quesitos importantes devem ser considerados quando refletimos sobre o sujeito bilíngues, entre eles os padrões de uso dessas línguas durante a vida desse indivíduo, às funções que elas exercem e em quais domínios sociais elas são usadas (GROSJEAN, 2010).

Há ainda na discussão do conceito de bilinguismo, a presença do termo multilinguismo, que se refere aos falantes que fazem uso de mais de duas línguas na comunicação com outras pessoas. Zimmer, Finger e Scherer (2008, p. 4) explicam que podemos

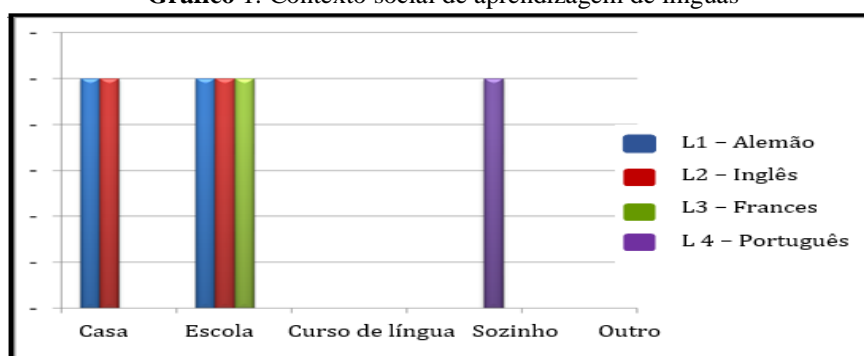
compreender o bilingüismo como a habilidade de usar duas línguas, e o multilingüismo como a habilidade de usar mais do que duas línguas. Essa definição, calcada no uso, implica uma visão dos bi/multilíngües como pessoas com diferentes graus de competência nas línguas que usam. Assim, os bilíngües e multilíngües podem ter mais ou menos fluência numa língua do que em outra; podem ter desempenhos diferentes nas línguas em função do contexto de uso e do propósito comunicativo, entre outros motivos.

Assim, para esse estudo, consideramos principalmente a perspectiva de bilinguismo defendida Grosjean (2010) e Zimmer, Finger e Scherer (2008) por ser uma visão mais aberta e flexível desse sujeito bilíngue, a qual nos proporciona considerar aspectos tais como as línguas usadas, os contextos e as funções de uso, os interlocutores e o contexto sócio-histórico de aprendizagem dessas línguas. Nessa perspectiva, a teoria apresentada é aplicada ao falante de duas ou mais línguas, seja ele bilíngue ou multilíngue, visto que teorias sobre bilinguismo não se restringem à quantidade de línguas, mas provoca reflexões acerca do sujeito falar mais de uma língua. Por fim, ao nos referirmos ao participante deste estudo adotaremos o termo ‘bilingue’, pois embora ele seja falante de quatro línguas, os dados revelam que ao retratar sua condição de falante bilíngue ou multilíngue, há mais recorrência da menção de uma mesma vez de duas línguas do que de três ou quatro línguas, como veremos a seguir.

4 CONHECENDO O SUJEITO BILÍNGUE

FMF, sujeito participante deste estudo, afirma saber três línguas além de alemão, sua língua materna (L1). Ele assegura que começou a aprender inglês (L2) ainda na pré-adolescência, aos 11 anos, francês (L3), aos 13 anos e português (L4) aos 35 anos de idade, como ilustra o gráfico a seguir.

Gráfico 1: Contexto social de aprendizagem de línguas



Fonte: Questionário – pergunta 2

Essa ordem de aprendizagem das quatro línguas vai ao encontro das colocações de Baker (2006) ao afirmar que há várias rotas para o bilinguismo, no caso de FMF essas rotas estão vinculadas à idade de aprendizagem, ensino formal em contexto escolar e necessidade de aprendizagem por ser a língua predominante no contexto de moradia. A primeira língua aprendida, o alemão, ocorreu no contexto familiar, isto é, seguiu o caminho esperado para a aprendizagem de uma língua materna. A aprendizagem de sua L2, o inglês, seguiu o mesmo caminho, o que nos mostra um contexto de aprendizagem de bilinguismo simultâneo, produtivo e balanceado, como postula Valdés e Figueroa (1994), no qual a L1 e a L2 assumem papéis similares de uso nas interações entre o sujeito bilingue e os seus interlocutores.

Contudo, no relato FMF afirma que o inglês foi uma língua aprendida na escola, desconsiderando, nessa afirmação, sua informação anterior de que também fez uso do inglês como língua de comunicação em casa, onde o alemão parece ser a língua predominante. Retomando o conceito de sujeito bilíngue de Grosjean (2010), FMF, mesmo não tendo a mesma fluência em alemão e inglês, fez usos de ambas as línguas, portanto bilíngue em relação a L1 e L2. Já nas classificações de Valdés e Figueroa (1994), podemos considerar que na percepção de FMF, ele possui bilinguismo sequencial - primeiro aprendeu alemão, depois o inglês; receptivo - a aprendizagem ocorreu por meio da interação familiar, mas o alemão é a língua dominante e seu bilinguismo é ascendente, já que após o início do processo de aprendizagem de L1 e L2 em casa, a aprendizagem foi ampliada no contexto escolar.

Para FMF, o inglês e o francês são línguas utilizadas em contextos específicos, como durante viagens ou em conversas com amigos, como nos mostra o excerto seguinte.

[01- Relato]

Minha língua materna é o alemão. Na escola aprendi inglês e francês. Inglês eu usei nas viagens e com estrangeiros, francês só na França, tinha um amigo lá.

O relato revela a não percepção dele enquanto um falante bilíngue de alemão e inglês, que fez uso de duas línguas no ambiente familiar, mas demonstra o que autores como Grosjean (1994, 2010) colocam sobre o conceito de bilinguismo, considerando bilíngue o sujeito que lança mão de uma ou outra língua conforme a sua necessidade comunicativa. Essa visão mais flexível do sujeito bilíngue também se revela nos contextos em que FMF considera ter ocorrido a aprendizagem das L3 e L4. Para ele, a aprendizagem de sua L3 ocorreu na escola e a L4, embora fora do ambiente escolar, também ocorreu em um contexto formal de aprendizagem.

[02 - Relato]

Com 35 anos eu quis vir por um ano para o Brasil. Então aprendi português com livro e fita, uma vez por semana eu tinha uma professora para me corrigir.

O contexto de aprendizagem formal da L4, mediada por “livros e fitas” e com a intervenção de uma professora particular, parece ter sido uma rota solitária de aprendizagem, em que não houve interações com outros falantes. A professora, que realizava as correções necessárias para sua produção linguística, não é por FMF considerada uma interlocutora. Esse fato vai mais uma vez reforçar a ideia de que o construto do sujeito bilíngue se relaciona ao uso que se faz das línguas em contexto real de comunicação.

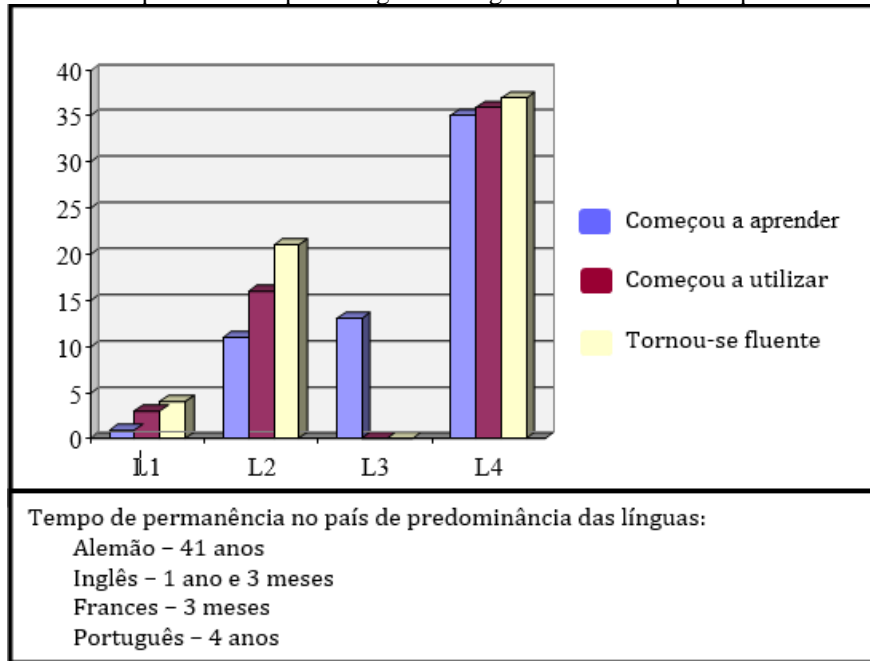
Se observarmos o bilinguismo de FMF sob o aspecto da possibilidade de escolher ou não a língua a ser aprendida (BAKER, 2006), podemos classificá-lo em relação a L1 e L4 como um bilinguismo eletivo, pois elas não foram impostas a esse falante, elas ocorreram de modo natural. Por outro lado, a L2 e L3 são apresentadas ao aprendiz enquanto disciplinas obrigatórias na escola, o que poderia ser avaliado como um bilinguismo circunstancial, ou seja, a necessidade de se aprender uma língua. Essa característica de bilinguismo eletivo em relação a L1 e L4 pode ter contribuído para que FMF se empenhasse mais nessas línguas durante seu processo de aprendizagem. Para FMF, o bilinguismo é um fenômeno positivo, pois, segundo ele, contribui com o aprendizado de outras línguas, possibilitando ao falante expressar-se de modo mais coerente.

[03 – Relato]

Mas eu acho que quanto mais línguas a pessoa fala, mais fácil aprender outra língua. Pessoas que falam mais línguas tem mais facilidade de entender uma frase incompleta

Ao relatar sobre a trajetória de aprendizado da L1, L2, L3 e L4, mais uma vez notamos a importância da relação entre as etapas ‘começar a aprender’, ‘começar a utilizar ativamente’ e ‘tornar-se fluente’ em cada uma das línguas. Tais etapas não somente se relacionam com a idade, mas, como mostra o gráfico 2, o espaço de tempo entre as etapas está diretamente ligado ao uso da língua em situações reais de interação, mais uma vez retomando o conceito de que o bilíngue é aquele sujeito que faz uso regular da língua (GROSJEAN, 2010).

Gráfico 2: processo de aprendizagem de línguas: idade e tempo de permanência



Fonte: Questionário – perguntas 3 e 5

Grosjean (2010) considera importante saber a relação entre as línguas que o sujeito bilíngüe utiliza. Nesse sentido, para FMF, a L1 e a L4 foram usadas por mais tempo nas comunidades de fala, em que essas línguas são predominantes, ou seja, a L1, na Alemanha e a L4, no Brasil. Tal fato potencializa a quantidade de *inputs* e de possibilidades de *output* para o falante, o que propicia inúmeras possibilidades de interagir linguisticamente e com um uso mais significativo. Contudo, a ausência de uso de uma língua, mesmo para o sujeito bilíngüe, pode levar à impressão de que a língua de maior uso está apagando a língua em desuso. Isto parece ser o que está ocorrendo com o francês para FMF, língua que, como postula Valdés e Figueroa (1994), está em processo de desenvolvimento recessivo em relação à L4.

[04 – Relato]

Quando eu aprendi português eu esqueci o francês.

O quadro, a seguir, corrobora essa análise, pois demonstra os contextos discursivos nos quais as duas línguas, L1 e L4, são mais utilizadas.

Quadro 1: Contextos discursivos em que as línguas são faladas

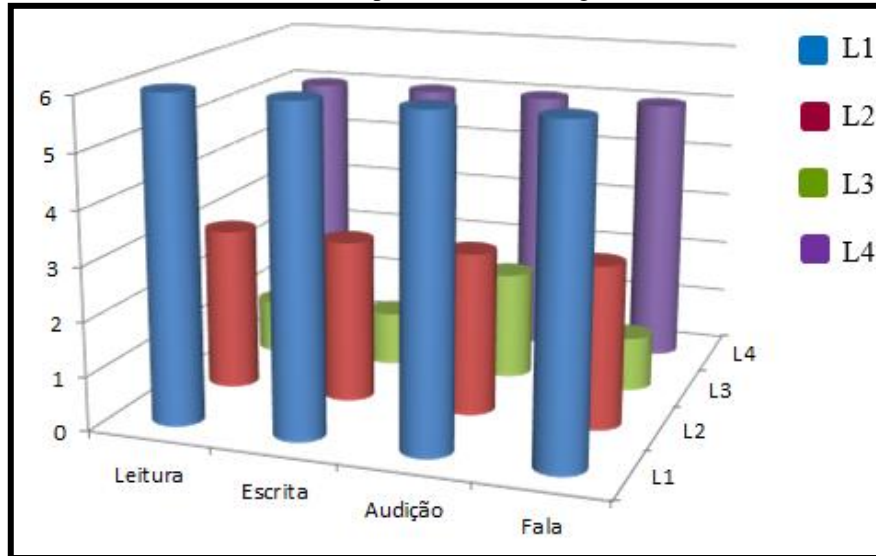
	L1	L2	L3	L4
Fala com seu pai	x			
Fala com sua mãe	x			
Fala com outros familiares	x			
Fala com amigos	x			x
Fala no trabalho/escola	x			x
Lê/escreve no trabalho/escola	x			x

Fonte: Questionário – pergunta 6

A L1 é mais usada para interagir oralmente com os membros da família e com os amigos, e no ambiente de trabalho e escolar, a escrita também aparece como meio de interação. A L4, por sua vez, não é uma língua usada no contexto familiar, provavelmente pela ausência de falantes de L4 nessa esfera discursiva, como resalta Grosjean (2010), as funções de uma língua, entre as usadas pelo sujeito bilíngue, reflete os domínios sociais de uso, e estes domínios caracterizam-se por ter ou não interlocutores, que também utilizam a mesma língua para comunicação.

Em relação à L1 e L4, os contextos de uso contribuíram para que os períodos entre a primeira etapa (começar a aprender) e a última (adquirir fluência) fossem reduzidos. De acordo com FMF, o prazo de três anos foi o necessário para se tornar fluente na sua L1, já no caso da L4, este período foi de apenas dois anos. Embora o tempo de aquisição de fluência tenha sido curto, de acordo com Valdés e Figueroa (1994), em relação à idade, podemos considerar a fluência na L4 como tardia. Ainda na classificação desses autores, pelo critério de capacidade de produção linguística, FMF pode ser entendido como possuindo um bilinguismo receptivo e produtivo na L1 e na L4, haja vista que nessas línguas o participante consegue falar e escrever e, conseqüentemente, compreender e ler, ou seja, ele tem conhecimento de uso dessas línguas nas quatro habilidades linguísticas. Ao ser questionado sobre a sua percepção sobre estas habilidades, FMF demonstra claramente que nessas duas línguas, L1 e L4, as quatro habilidades estão bem acima das outras duas línguas, a L2 e L3, como nos confirma o gráfico a seguir.

Gráfico 3: Nível de proficiência nas línguas declaradas



Fonte: Questionário – pergunta 11

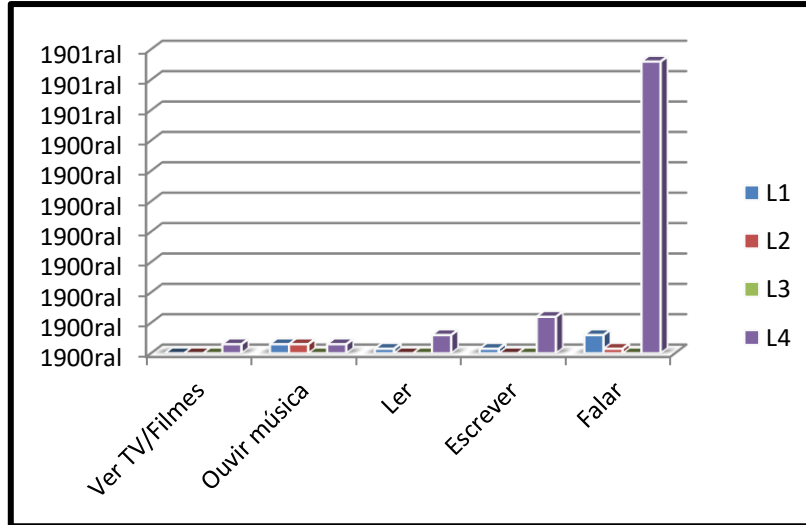
É interessante perceber que ao autoavaliar a proficiência nas quatro habilidades para a L1 e para a L4, o participante coloca a proficiência em L4 bem próxima ao da sua proficiência em L1. Entretanto, ao responder a pergunta sobre sua confiança em usar as quatro línguas (alemão (L1), inglês (L2), francês (L3) e português (L4)), FMF aponta a L1 como sendo a única língua com a qual ele pode ler, escrever, compreender e falar com confiança. Esta percepção de FMF mostra que o uso das línguas pelo sujeito bilíngue também se relaciona com questões afetivas, pois sentir mais ou menos seguro no uso de uma ou outra língua nem sempre está relacionado com o nível de fluência.

Assim, ressaltamos o fator afetivo como componente importante do perfil do sujeito bilíngue, pois como mostra os dados deste estudo, a afetividade também interfere no uso que o bilíngue faz das línguas que aprendeu. No caso de FMF, alemão, sua língua materna, mesmo vivendo em contexto brasileiro, mantém uma relação afetiva forte ele, é para FMF a língua em que ele se sente mais confiante em fazer uso. A L1 carrega para FMF valores sentimentais, ligados à família, à infância e adolescência, isto é, vinculada à comunidade de origem, portanto é a língua de maior representatividade no âmbito emocional entre as quatro línguas por ele faladas.

Seguindo a análise da relação entre usos das línguas por FMF, outro fator relevante é o para que ele faz uso de cada língua em contexto brasileiro. O gráfico quatro traz uma visão das atividades que FMF realiza usando as quatro línguas que ele sabe. A L4 é a língua mais usada nas interações verbais, mas a L1, L2 e L3 continuam desempenhando papéis na vida diária deste falante bilíngue. Este fato reforça o perfil bilíngue de FMF, pois no bilinguismo, segundo Baker (2006) e Grosjean

(2010), as línguas alternam-se nas funções sociais que desempenham de acordo com a necessidade de uso do falante.

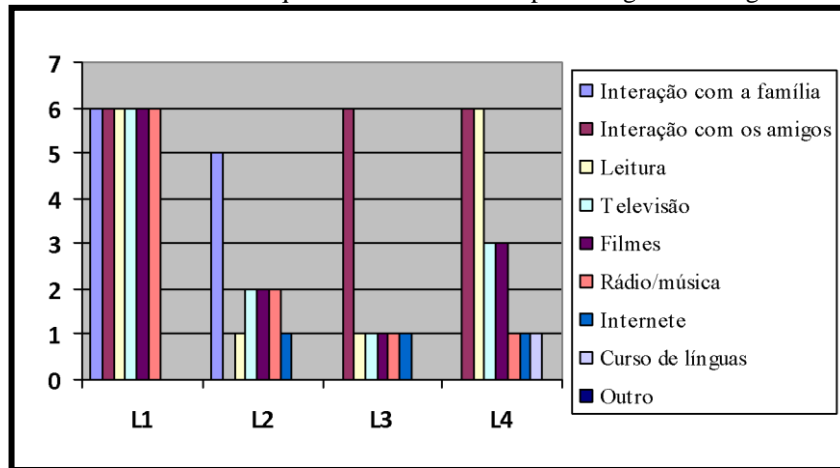
Gráfico 4: Número de horas em que utiliza cada língua para realizar atividades



Fonte: Questionário – pergunta 9

O fator afetivo também se revela no relato de FMF quando ele relaciona a aprendizagem das línguas ao ambiente de interação e às funções sociais dessas interações. FMF reafirma o dado de que o contexto familiar e as interações com os membros da família foram fatores relevantes para a aprendizagem da L1. A esses fatores, FMF acrescenta interações com os amigos e situações sociais com o uso de equipamentos midiáticos. A L2 também aparece como língua de uso no contexto familiar, reiterando a informação de que o bilinguismo da L1 e L2 ocorreu concomitante, embora a L1 parece ter tido predominância em relação à L2. Na L3, a interação com os amigos foi citada como importante, Mais uma vez, a relação de vínculo com outras pessoas, nesse caso amigos, faz-se presente nas razões pelas quais FMF faz uso do bilinguismo. Notamos o quanto o perfil do sujeito bilíngue, como aponta Grosjean (2010) vincula-se ao uso e não a fluência e a esse uso o desejo de relacionar-se com outras pessoas, estabelecendo por meio do bilinguismo laços de amizade. A L4, língua de maior uso no período em que este estudo foi desenvolvido, também é muito utilizada na interação com amigos, além da leitura e para acesso às mídias, vejamos o gráfico seguinte.

Gráfico 5: Fatores que contribuem com a aprendizagem das línguas



Fonte: Questionário – pergunta 4

Na perspectiva das funções desempenhadas pela L1, essa língua, como já discutido, atende melhor às funções emotivas de FMF. É somente nessa língua, dentre as quatro que ele sabe, que FMF relatar expressar sentimentos de raiva e afeição. Já a função cognitiva, além de se manifestar por meio da L1, é também expressa nas outras três línguas, sendo que a L4, em relação a L2 e L3, é a que mais atende a esta função.

Quadro 2: Uso das línguas em diferentes funções

	L1	L2	L3	L4
Conta	x	x	x	x
Faz cálculos	x			x
Faz anotações	x			x
Expressa raiva	x			
Expressa afeição	x			

Fonte: Questionário – pergunta 10

As informações do quadro 2 corroboram a ideia de Baker (2006) quando aborda o equilíbrio das línguas envolvidas no processo de bilinguismo. A autora afirma que o bilinguismo pode ser dominante em algumas funções sociais desempenhadas pelas línguas e balanceado no uso para outras funções, o que também implica em as línguas estarem em desenvolvimento ascendente ou recessivo. FMF mesmo não estando em contexto de uso cotidiano de sua L1, ele ainda a identifica como uma língua ativa, principalmente relacionada à suas expressões emocionais. A L4, embora seja a de maior uso nas interações verbais com outras pessoas e presente para as mesmas funções cognitivas da L1, é desconsiderada como língua de uso para a afetividade. A L2 e L3 aparecem apenas para a função de raciocínio matemático, como ferramentas cognitivas utilizadas para mediar

ações como anotar, calcular, contar, necessárias na realização das interações com outras pessoas, provavelmente em contextos de trabalho.

Essas informações somadas às outras discutidas neste artigo demonstram que o sujeito bilíngue FMF mantém a L1 como a língua mais próxima de sua constituição, utilizada na esfera intrapessoal, enquanto sujeito dotado de emoções, e as outras línguas no campo das relações interpessoais, mais voltadas para a sua relação com o mundo externo, nas interações entre o FMF e as outras pessoas. Assim, esse sujeito bilíngue se volta para si por meio de sua L1 e para o mundo por meio das outras três línguas, a L2, a L3 e a L4, relações que se inter cruzam pois a afetividade mesmo constituinte interna do sujeito manifesta-se no externo e as interações com outras pessoas influenciam o sujeito afetivo. Assim, as línguas, mesmo com funções sociais específicas para os contextos sociais, intercambiam suas funções sociais, embora a L1, segundo FMF é a única em que ele expressa emoções.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse estudo pudemos perceber que a condição de falante bilíngue do participante, FMF, possibilita-lhe usar as línguas que sabe em situações e funções importantes, propiciando-lhe realização no mundo real. ele, mesmo morando em Goiânia, faz uso das quatro línguas no seu dia a dia, a L1 principalmente para as interações familiares, incluindo aí as interações com as filhas no Brasil. A L2 e L3 são mais utilizadas nas habilidades receptivas, como escutar música, assistir filmes e ler. A L4, língua portuguesa, para as habilidades produtivas, quanto receptivas, sendo a língua de maior uso para as interações verbais, haja vista que para ele as esferas discursivas do trabalho e das relações interpessoais são as mais evidentes no atual contexto de moradia, no Brasil.

Apesar de FMF ressaltar a contribuição das interações verbais para a sua aprendizagem das 4 línguas, ainda assim percebemos que para ele o contexto formal de ensino parece ter um peso mais significativo no processo de aprendizagem das L2, L3 e L4, pois mesmo morando no Brasil e fazendo uso da L4 no seu cotidiano, ele não destaca a interação com falantes de português como um aspecto relevante no aprimoramento dele do conhecimento dessa língua.

Quanto à fluência nas línguas, podemos notar que FMF considera sua fluência na L4 semelhante à sua fluência na L1. Isto demonstra sua própria condição de falante bilíngue, uma vez que ele consegue se comunicar efetivamente nos mais diversos contextos. Sendo a L1 e a L4 as línguas que atendem às suas necessidades de interação verbal, tanto oral quanto escrita, o perfil bilíngue deste sujeito é híbrido, formada pela junção de todas as línguas e culturas a que ele conhece, entretanto as características primordiais de seu perfil bilíngue ainda estão ancoradas na sua L1.

Finalizamos este artigo retomando a análise do perfil linguístico de FMF observando aspectos atrelados às atitudes e às emoções apresentados por Garcia (2009), pois embora haja diversos fatores que caracterizam o perfil de um sujeito bilíngue, acreditamos que para FMF a relação afetiva com sua comunidade de origem ainda é o elemento primordial desencadeador das relações que ele estabelece com as outras línguas que fala, por conseguinte do seu perfil bilíngue: falante de 4 línguas, entrelaçadas entre si e vinculadas emocionalmente à sua L1.

REFERÊNCIAS

BAKER, C. Bilingualism: definitions and distinctions. In: BAKER, C. **Foundations of bilingual education and bilingualism**. Clevedon, UK: Multilingual Matters Ltd, 2006. p. 2-19.

BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Henry Holt, 1933.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BUTLER, Y.; HAKUTA, K. Bilingualism and Second Language Acquisition. In: BHATIA, T. K.; RITCHIE, W. (Eds.). **The handbook of bilingualism**. New York, Blackwell, 2006. p. 114-144.

FLORES, C.; MELO-PFEIFER, S. **O conceito “Língua de Herança” na perspectiva da linguística e da didática de línguas: considerações pluridisciplinares em torno do perfil linguístico das crianças luso descendentes na Alemanha**. Domínios da Lingu@gem, v. 8 n. 3, p. 16-45, 2014. Disponível em: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/30450/1/Flores_Melo-Pfeifer.2014-libre.pdf. Acesso em: 26 jun. 2020.

FINGER, I.; FLORES, V. M. Proposta de questionário de histórico de linguagem e autoavaliação de proficiência para professores ouvintes bilíngues libras/língua portuguesa. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 17/2, p. 278-301, dez. 2014.

GARCÍA, O. **Bilingual education in the 21st century: a global perspective**. Hong Kong: Wiley-Blackwell, 2009.

GROSJEAN, F. Individual bilingualism. In: **The encyclopedia of language and linguistics**. Oxford: Pergamon Press, 1994, p. 1656-1600. Trad. Heloísa Augusta Brito de Mello. Revista UFG, ano X, n. 5, dez/2008, Goiânia. p. 163-176

GROSJEAN, F. **Bilingual: Life and Reality** Cambridge: Harvard University Press, 2010

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986

MACKEY, W. The Description of Bilingualism. In: Li Wei, **The bilingualism reader**. London; New York: Routledge, 2000.

MACNAMARA, J. **Bilingualism and primary education**. Edinburgh, UK:

Edinburgh University Press, 1966.

MYERS-SCOTTON, C. Who is a bilingual? What factors promote bilingualism? In: MYERS-SCOTTON, C. **Multiple voices: an introduction to bilingualism**. Malden, MA: Blackwell, 2006, p. 35-66.

MELLO, H. A. B. Educação bilíngue: uma breve discussão. **Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 9, n.1, p. 118-140, 2010.

OLIVEIRA, G. M. (Org.). Declaração Universal dos Direitos Lingüísticos: novas perspectivas em política lingüística. Campinas: **Mercado de Letras**. Florianópolis: IPOL, 2003.

VALDÉS, G.; FIGUEROA, R. A. **Bilingualism and testing: a special case of bias**. Norwood: Ablex Publishing, 1994.

ZIMMER, M.; FINGER, I.; SCHERER, L. Do bilingüismo ao multilingüismo: intersecções entre a psicolingüística e a neurolingüística. **ReVEL**, v. 6, n. 11, ago., 2008.

ANEXO 1

Questionário de histórico da linguagem para pesquisas com bilíngues (FINGER; FLORES, 2014).

Data: _____

Nome: _____ Sexo: () F () M

Data de nascimento: ___/___/___

Local de nascimento: _____

1. Nível de escolaridade:

- () ensino fundamental completo () ensino fundamental incompleto {.....anos}
 () ensino médio completo () ensino médio incompleto {..... anos}
 () ensino superior () pós-graduação

2. Escreva um pouco sobre você e sua experiência de ser bilíngue. Caso queira, há um roteiro para auxiliá-lo nessa escrita: explique as razões pelas quais você aprendeu outra(s) língua(s) e em que essa aprendizagem contribui ou não para você conviver nos locais onde você já morou e onde mora na atualidade. Na sua família há mais pessoas bilíngues? Você percebe alguma diferença entre pessoas bilíngues e monolíngues, ou seja, aquelas que só sabem uma língua?).

PARTE 2

1. Liste todas as línguas que você sabe em ordem de aquisição (1 sendo sua língua nativa):

Língua 1		Língua 3	
Língua 2		Língua 4	
Outras			

2. Indique onde você aprendeu as suas línguas (marque tantas opções quantas forem necessárias):

	Casa	Escola	Curso de língua	Sozinho	Outros (Quais?)
Língua 1					
Língua 2					
Língua 3					
Língua 4					
Outra(s)					

3. Informe a idade em que você:

	Língua 1	Língua 2	Língua 3	Língua 4
Começou a aprender	___ anos	___ anos	___ anos	___ anos
Começou a utilizar ativamente	___ anos	___ anos	___ anos	___ anos
Tornou-se fluente	___ anos	___ anos	___ anos	___ anos

4. Indique, em uma escala de 0 a 6 (0 = nada, 6 = muito), o quanto cada um destes fatores contribuiu para a aprendizagem das suas línguas:

	Língua 1	Língua 2	Língua 3	Língua 4
Interação com a família				
Interação com os amigos				
Leitura				
Televisão				
Filmes				
Rádio/música				
Internet				
Curso de línguas				
Outro (Qual(is))?_				

5. Informe o número de meses que você passou em cada um destes ambientes:

	Língua 1	Língua 2	Língua 3	Língua 4
País em que a língua é falada	___ meses	___ meses	___ meses	___ meses
Família em que a língua é falada	___ meses	___ meses	___ meses	___ meses
Escola / trabalho em que a língua é falada	___ meses	___ meses	___ meses	___ meses

6. Marque com um X em que língua você:

	Língua 1	Língua 2	Língua 3	Língua 4
Fala com seu pai				
Fala com sua mãe				
Fala com outros familiares				
Fala com amigos				
Fala no trabalho/escola				
Lê/escreve no trabalho/escola				

7. Escreva com que frequência (todos os dias, __ x por semana, __ x por mês etc.) você:

	Frequência
Fala com seu pai	
Fala com sua mãe	
Fala com outros familiares	
Fala com amigos	
Fala no trabalho/escola	
Lê/escreve no trabalho/escola	

8. Estime a porcentagem do tempo que você usa cada língua diariamente (o total deve ser 100%):

	% do tempo
Língua 1	
Língua 2	
Língua 3	
Língua 4	

9. Estime em número de horas o quanto você usa cada língua para as seguintes atividades diariamente:

	Língua 1	Língua 2	Língua 3	Língua 4
Ver TV/Filmes				
Ouvir música				
Ler				
Escrever				
Falar				

10. Marque com um X em que língua você:

	Língua 1	Língua 2	Língua 3	Língua 4
Conta				
Faz cálculos				
Faz anotações				
Outros ações. Quais?				
Expressa raiva				
Expressa afeição				
Outros sentimentos. Quais?				

11. Circule em uma escala de 1 a 6, seu nível de proficiência nas línguas que sabe (1 = muito baixo, 2 = baixo, 3 = razoável, 4 = bom; 5 = muito bom e 6 = proficiente):

Língua 1

Leitura	1	2	3	4	5	6
Escrita	1	2	3	4	5	6
Compreensão auditiva	1	2	3	4	5	6
Fala	1	2	3	4	5	6

Língua 2

Leitura	1	2	3	4	5	6
Escrita	1	2	3	4	5	6
Compreensão auditiva	1	2	3	4	5	6
Fala	1	2	3	4	5	6

Língua 3

Leitura	1	2	3	4	5	6
Escrita	1	2	3	4	5	6
Compreensão auditiva	1	2	3	4	5	6
Fala	1	2	3	4	5	6

Língua 4

Leitura	1	2	3	4	5	6
Escrita	1	2	3	4	5	6
Compreensão auditiva	1	2	3	4	5	6
Fala	1	2	3	4	5	6

Língua outra (s)

Leitura	1	2	3	4	5	6
Escrita	1	2	3	4	5	6
Compreensão auditiva	1	2	3	4	5	6
Fala	1	2	3	4	5	6

12. Marque com um X em que língua você se sente mais confiante ao:

	Língua 1	Língua 2	Língua 3	Língua 4
Ler				
Escrever				
Compreender				
Falar				

13. Caso você já tenha realizado algum teste de proficiência, indique:

Língua	Teste	Ano	Pontuação

14. Caso haja alguma outra informação que você ache importante sobre o aprendizado ou o uso das suas línguas, por favor, escreva abaixo:
